

A Criança no fim do mundo: Reprodutivismo futurista no Antropoceno

Ádamo Bouças Escossia da Veiga¹

Resumo: O presente artigo visa desenvolver a partir da negatividade/niilismo queer de Lee Edelman uma hipótese de ficção política: diante da mudança climática, enquanto intromissão do Real na acumulação capitalista neoliberal, pode decorrer um movimento de recrudescimento de identidades normativas em um horizonte palingenético. A crise do reprodutivismo futurista, entendido como uma orientação a um futuro de plena realização comunitária, aportada pelo Novo Regime Climático pode ter, como resposta, um retorno ao passado em sua figuração normativa e identitária. A fim de desenvolver essa hipótese, junto do pensamento de Edelman, trazemos, igualmente, o pensamento de Latour, Fisher e a ficção especulativa de Margaret Atwood.

Palavras-chave: Negatividade queer; niilismo queer; Antropoceno; Teoria Queer; Lee Edelman.

¹ Doutor em Filosofia (PUC-Rio). Pesquisador de Pós-Doutorado (FE/ UFRJ) e Coordenador no Instituto Estudos do Presente (IEP). E-mail: adamodaveiga@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo mobilizar o conceito de *reprodutivismo futurista* de Lee Edelman no desenvolvimento de uma hipótese de ficção política²: diante da mudança climática, enquanto intromissão do Real na acumulação capitalista neoliberal, pode decorrer um movimento de recrudescimento de identidades normativas em um horizonte palingenético. A fim de desenvolvermos essa hipótese, junto da teorização de Edelman, traremos o pensamento de Bruno Latour, Mark Fisher e a ficção especulativa de Margaret Atwood.

O trabalho de Edelman, situado dentro dos estudos queer, pode ser pensado como um dos trabalhos inaugurais de uma perspectiva denominada, por vezes, de *virada antissocial* (Halberstam, 2011), *niilismo queer* ou, como coloca diretamente o próprio Edelman (2004; 2022), *negatividade queer*. Apesar de Edelman, em alguns momentos, rebater a acusação de que seu pensamento seria niilista, não obstante, a sua obra é o marco inaugural do niilismo queer e, em seu último livro, temos uma teorização importante acerca do *nada* em sua relação com *queeridade* (*queerness*), o que permite qualificar o seu pensamento como uma forma de niilismo. A partir do pensamento de Leo Bersani (1996) e Guy Hocquenghem (1993), Edelman identifica na *queeridade* uma dinâmica antissocial em oposição ao que, para ele, constitui o próprio vínculo social: o reprodutivismo futurista como orientação comunitária ao futuro. O reprodutivismo futurista é a concepção imaginária e ficcional que organiza o espaço político e social em direção a sua reprodução no futuro, tomado como horizonte de realização plena. Diante da crise climática, esta reprodução se vê em crise e é diante desta crise que gostaríamos de desenvolver nossa hipótese.

O presente estudo, em termos metodológicos, se afina ao esforço especulativo desenvolvido por diversos autores contemporâneos, como Donna Haraway (2016) Steven Shaviro (2021) e Vinciane Despret (2022). Diante da mudança climática

² Utilizamos *ficção política* no sentido que Latour (2020) mobiliza em sua análise sobre a relação entre neoliberalismo e mudança climática, hipótese essa a ser trabalhada mais a frente nesse trabalho. Ficção política, neste contexto, tem o sentido de uma formulação especulativa desenvolvida a fim de dar inteligibilidade a determinadas tendências em curso.

antropogênica, temos um tensionamento radical das categorias usuais de pensamento e pesquisa que, segundo as diferentes abordagens destes autores, requer um esforço imaginativo que não procure representar um dado da realidade, mas, diferentemente, procure friccionar aquilo que se mostra como dado através de um emaranhamento entre reflexão filosófica e ficção especulativa. Neste sentido, procuramos mobilizar recursos teóricos distintos – com especial peso para o conceito de reprodutivismo futurista, que opera como norteador do presente esforço – na produção de uma reflexão especulativa acerca de possíveis (imaginadas) implicações da mudança climática. Neste sentido, nos apoiamos no gesto de Latour (2020) que procura associar, de forma especulativa, a ascensão da extrema direita à consciência crescente da mudança climática e da crise que ela implica nas aspirações globalizantes herdadas da modernidade. Sendo a crise do futuro – a crise da noção moderna de que a humanidade caminha para a sua plena realização em um progresso contínuo teleologicamente orientado – um dos principais efeitos da percepção crescente da mudança climática, o pensamento queer de Edelman nos parece fundamental em um esforço especulativo a ela orientada. A partir destas indicações metodológicas, pretendemos mesclar elementos teóricos e ficção especulativa em um esforço ele mesmo especulativo, reunindo, deste modo, a teorização queer de Edelman, o pensamento ambiental de Latour e a ficção de Atwood.

Por fim, justifica-se tal esforço diante da urgência de pensar o Antropoceno e a reorientação geral que ele infringe em nosso modo usual de pensar. Trata-se do principal desafio do nosso tempo, de modo que se torna imperioso ao pensamento em geral (e também ao pensamento queer em particular) a ele se endereçar. Por outro lado, a extrema direita, como exemplificam os episódios de oito de janeiro em Brasília e a invasão do Capitólio em Washington, figura como ameaça autoritária em diversos países, tornando urgente pensá-la e a ela responder. Endereçar-se as duas ameaças, assim, seguindo as indicações de Latour (2020), justifica-se perante a sua gravidade presente e futura.

O reprodutivismo futurista

A negatividade queer desenvolvida por Edelman parte de uma apropriação da psicanálise lacaniana³ e do pensamento de Guy Hocquenghem (1993) e Leo Bersani (1996) entre outras influências. Edelman analisa a *queeridade* (*queerness*) enquanto aquilo que figura a instabilidade constitutiva do vínculo social. A fim de analisarmos este ponto, devemos começar pelo que Edelman define conceitualmente como a *Criança*, figura que condensa (ou encarna) figurativamente a ideologia do reprodutivismo futurista (Edelman, 2004, p.11). O reprodutivismo futurista, enquanto ideologia, é uma estruturação simbólica que produz a existência social a partir da sua projeção no *futuro*. A reprodução social, assim, se articula imanentemente a sua própria constituição atual; o vínculo social e, com ele, a política, se constroi a partir da articulação a um *futuro* sempre diferido, sempre por vir (Edelman, 2004). Trata-se de uma temporalidade que reúne e funda o social em uma projeção imaginária de um futuro pleno – e aquilo que figura esta projeção, enquanto seu depositário privilegiado, é a *Criança*.

Não se trata de crianças empíricas. A partir da sua apropriação de Lacan, Edelman argumenta que a necessária incompletude do Simbólico, a impossibilidade de um sentido pleno, produz a sua própria negação sob a forma da fantasia de um futuro e sem furos no Simbólico. O Real, como entendido por Edelman, na sua radical refração ao sentido, leva, na sua negação, à projeção imaginária de um futuro no qual este sentido será efetivamente realizado. Esta projeção no futuro é o que a *Criança* figura: promessa de um futuro sem furos no Simbólico, projeção imaginária capaz de fundar o próprio vínculo social que, assim, tem como núcleo estruturante a sua orientação ao

³ Não interesse, no escopo deste artigo, analisar a pertinência ou não pertinência da apropriação dos conceitos lacanianos realizada por Edelman. Em que medida sua utilização de conceitos psicanalíticos se adequa ou não ao que propôs Lacan em seu ensino e sua obra é uma questão que demandaria outro trabalho.

futuro (Edelman, 2021;2004). Ao mesmo tempo, a Criança é a promessa fundante do campo social e promessa de que ele irá perdurar no futuro. O *reprodutivismo futurista*, neste sentido, é o reino sobre o qual a Criança impera: o futuro como horizonte necessário da reprodução social inscrito imediatamente na própria configuração simbólica através da qual a inteligibilidade constitutiva do indivíduo e da comunidade se desdobram e se sustentam: “[a Criança] perpetua a esperança de uma comunidade completamente unificada, uma ordem social completamente realizada, imaginada sempre como disponível na plenitude de um futuro por vir” (Edelman, 2007, p. 473).

E, mais ainda, no início e no fim de toda esta projeção, a Criança dá sentido ao nosso desejo. O Real do gozo, aquilo de não simbolizável que nos assombra no ato sexual e para além, a angústia inerente ao desejo enquanto falta, é (parcialmente) suturado pela subsunção teleológica do ato sexual à figura da Criança e à temporalidade futurista (Edelman, 2007, p.469-470; 2004, p.133). A pulsão, na apropriação da psicanálise realizada por Edelman, é uma fratura na coerência do eu (enquanto projeção imaginária). Neste sentido, a angústia do sexo no que ele tem de perturbadoramente dessubjetivante e desidentificante é trabalhado imaginariamente a partir da subsunção do sexo ao seu “depois”: a procriação (Edelman, 2004; 2007). A associação compulsória entre sexo e reprodução é esta operação de simbolização da pulsão a partir do telos da procriação. Nesse sentido, Edelman, traz a fala de um personagem de *The Children of Men* (2010) de P. D. James, que afirma, em um cenário calamitoso trazido pelo fim da fertilidade humana, que, sem a reprodução, o ato sexual se torna absolutamente *desprovido de sentido*. Edelman, a partir desta fala ficcional, argumenta que *se trata precisamente disso*: a pulsão enquanto aquilo que desfaz o sentido e a coerência subjetiva é simbolizada e feita coerente a partir do imperativo reprodutivo futurista de multiplicar a espécie. Sem este imperativo, o sexo recai na absoluta incoerência do gozo (Edelman, 2004, p. 130)

Esta projeção imaginária no futuro na figura da Criança, enquanto *locus* de realização plena do sentido, é da ordem da repetição: o futuro deve ser uma repetição do

presente. A Criança atesta a permanência do presente no futuro de modo que ela tem uma dupla valência: ao mesmo tempo, promessa de sentido pleno no futuro e repetição do presente no futuro. Comentando Edelman, Sheldon resume esse ponto muito bem: “A figura da Criança é de uma futuridade que retira do futuro qualquer coisa que não uma repetição e, ainda assim, insiste que esta repetição é um progresso” (Sheldon, 2016, p.36). O reprodutivismo futurista é, deste modo, uma *ficção* ou fantasia orientada à preservação e proteção das identidades contra a potência destrutiva e desubjetivante da pulsão, contra a insistência do Real no Simbólico⁴. Esta “fantasia presume uma realidade garantida, não ameaçada pelo tempo, sustentada pela certeza de um certo curso dos acontecimentos está destinado a continuar o seu caminho no caminho devido quando nós não estivermos mais aqui”. (Edelman, 2004, p. 34). A Criança, assim, tem a função de suturar a angústia inerente à instabilidade, precariedade e perenidade de toda a identidade.

O reprodutivismo futurista, para Edelman, enquadra toda a *política*. Apesar de, naturalmente, a relação entre reprodução social e sexo exclusivamente reprodutivo ser mais evidente nos discursos conservadores, no pânico moral que identifica nos direitos LGBTQTS uma ameaça civilizacional, para Edelman, a política em si mesma, seja de esquerda ou direita, se articula necessariamente a um tributo ao futuro. Ela seria indissociável deste regime de temporalidade no qual o presente se justifica pela sua orientação ao porvir e à figura da Criança enquanto seu depositário privilegiado; a ideia da construção de um mundo melhor para as futuras gerações, seja qual for o modo como este mundo melhor é imaginado, é o enquadramento necessário de inscrição do político e, nele, “a Criança permanece como o horizonte perpétuo de qualquer política reconhecível, como o beneficiário fantasmático de qualquer intervenção política” (Edelman, 2021, p. 250).

⁴ “[...]estamos subjugados por um futuro continuamente diferido pelo próprio tempo, obrigados a perseguir o sonho de que um dia o hoje e o de amanhã sejam um só. Esse futuro não é nada além de coisa de criança, ressuscitada a cada dia para ocultar a sepultura que escapa de dentro da letra sem vida, atraindo-nos a seu interior para nos prender na sutil teia de aranha da realidade.” (Edelman, 2021, p.272)

É a partir desta compreensão do reprodutivismo futurista enquanto lógica simbólica onipresente na constituição social que Edelman teoriza a *queeridade*. Se o liame social é dado pela lógica figurativa da reprodução sexual enquanto orientação teleológica a um futuro imaginário de pleno sentido, a *queeridade* figura precisamente como uma *fratura* nesta ordem e na sua produção de sentido. Primeiramente, a *queeridade* não pode ser (apenas), para Edelman, identificada ao queer se entendido enquanto *identidades* sexuais dissidentes. A *queeridade*, para Edelman, é fratura, puro sem sentido que subsiste na impossibilidade de completude identitária. Antes de constituir uma identidade, mesmo que dissidente, a *queeridade* é um movimento de desidentificação e de desvio. Radical não sentido, a *queeridade* é eminentemente negativa e refratária a toda identidade assinalável: “a *queeridade* não pode definir identidades, ela pode tão-somente perturbá-las” (Edelman, 2021, p. 262). A *queeridade* não se identifica, deste modo, a nenhuma identidade assinalável, seja a do homossexual ou mesmo das pessoas não binárias; estes termos já indicam uma posituação da negatividade inerente à *queeridade* enquanto tal, um esforço de produção de significado sobre aquilo que não tem sentido e resiste e fratura todo sentido socialmente produzido (Edelman, 2004/2022). Esta fratura, para Edelman, é da ordem do Real: a pulsão que *insiste* para além da simbolização que se constitui a partir da sua negação na forma de identidades assinaláveis e supostamente estáveis. A *queeridade* insiste e demonstra a falha inerente à própria constituição social, a incapacidade de plena simbolização na forma da orientação ao futuro; ela expressa “a falta, ou seja, de uma complementaridade capaz de naturalizar as relações entre os sexos na medida em que toda sexualidade sofre a marca do significante enquanto falta” (Edelman, 2014, p. 34). O reprodutivismo futurista nega essa falta e, assim, constitui a fantasia constitutiva do social; a *queeridade*, em si mesma, expressa o *vazio* que subjaz a este esforço de totalização e insiste em um sempre rechaçado movimento de desfazimento das ficções identitárias totalizantes que estruturam o liame social: “assim, a *queeridade* é inseparável da violência com a qual ela destotaliza um mundo e, no fim, a ruptura, o corte é

precisamente aonde a *queeridade* sempre leva, mesmo para o ‘fim do mundo’ (Edelman, 2022, p. 43).

É neste sentido que temos a negatividade queer: a *queeridade* não como uma identidade meramente dissidente e passível de assimilação à ordem social, mas a *queeridade* como aquilo que o vínculo social precisa negar para se constituir a partir da simbolização do Real na projeção da repetição do presente no futuro enquanto horizonte necessário (Edelman, 2004;2022). O queer é, assim, uma força *antissocial* uma vez que se opõe à dimensão constitutiva do vínculo social enquanto tal.

No entanto, se a *queeridade* não se diz daquilo que convencionou-se chamar de LGBTQs, não obstante, estes não deixam de *figurar* a ameaça desidentificante da *queeridade*. Esta figuração aponta precisamente para não-identidade que subjaz a toda identidade; a sua precariedade que, em última instância, remete à pulsão em sua oposição constitutiva ao eu (enquanto representação identitária imaginária). Como coloca Edelman:

Logo, a *queeridade* não poderia nunca constituir uma identidade autêntica ou substantiva, mas apenas a posição estrutural determinada pelo imperativo da figuração; uma vez que a lacuna, a não-coincidência instalada pela ordem do significante, informa e habita a *queeridade* assim como habita o futurismo reprodutivo. Mas o faz com uma diferença. Enquanto o futurismo sempre antecipa, na imagem de um passado Imaginário, a realização do sentido que irá suturar a identidade pelo fechamento dessa lacuna, a *queeridade* desfaz as identidades por meio das quais nós experienciamos a nós mesmos como sujeitos, insistindo no Real do gozo já foracluído pela realidade social e pelo futurismo nela baseado. (Edelman, 2021, p. 267)

Todo homem, o mais viril, o mais machão, não é homem. Toda mulher, a mais feminina, mais delicada, não é mulher. Sob o corpo em sua opacidade, o Simbólico constrói ficções políticas a fim de dar conta da angústia terminal da própria impossibilidade de simbolização do Real – e esta angústia é figurada por aqueles que são tomados como queer. Em *No Future* (2004), Edelman mobiliza o conceito de *sinthomahomossexual* para expressar esta figuração daquilo que breca os esforços de

totalização simbólica do reprodutivismo futurista. O termo remete ao *sinthoma* de Lacan enquanto modo singular de engajamento de cada indivíduo com o gozo (*jouissance*) e, naturalmente, ao homossexual – que, enquanto “figura social”, condensa uma série de fantasias “antireprodutivas”⁵ (Edelman, 2004, p. 39). Os *sinthomahomossexuais*, aqueles que expressam esta figura concretamente, figuram a particularidade, a singularidade irredutível às fantasias comunitárias totalizantes organizadas sob a forma do reprodutivismo futurista e, deste modo, precisam ser excluídos da própria comunidade no seu movimento autofundante. A *queeridade* é, ao mesmo tempo, o não sentido que precisa ser negado na constituição social e a figuração da permanência deste vazio no campo social assim constituído. O nada que precisa ser negado e a insistência deste nada no ser social: “[a *queeridade*] se diz do lugar do nada encarnado por aqueles que são feitos para encarná-lo” (Edelman, 2022, p. 21).

Em *Bad Education* (2022), Edelman revisa e alarga a sua análise anterior. De certo modo, em *No Future*, a expressão da *queeridade* é trabalhada mais diretamente a partir da figura do homossexual (no escopo do conceito de *sinthomahomossexual*); em *Bad Education*, a *queeridade* é trabalhada diretamente em relação ao pensamento afropessimista e tem seu escopo alargado. A negritude [blackness], neste sentido, seria uma figura da *queeridade*: o corpo negro como aquilo que figura o não sentido que a imagem do Humano, em sua feição simbólica, precisa negar na sua constituição (Edelman, 2022). O mesmo vale para a mulher e para uma “infinidade de outras catacreses” enquanto deslocamentos que tornam inteligível e encarnado aquilo que a ordem social precisa excluir na constituição da sua fantasia identitária. A figuração da *queeridade*, assim, não está apenas naquilo que se reúne precariamente sob a sigla LGBTQ+, mas em diversas outras figuras que expressam a inexorável fratura na projeção imaginária que funda o vínculo social na operação de negação e figuração do

⁵ Este conjunto de fantasias “antireprodutivas”, no pensamento de Edelman, se refere, sobretudo, mas não exclusivamente, ao discurso conservador que identifica na homossexualidade uma ameaça civilizacional. Podemos ver neste ponto, as fantasias de um “contágio” homossexual a partir da sua representação midiática, o temor de que homossexuais abusem de crianças, entre outros.

nada que vimos a pouco. O que temos, para Edelman, é a exclusão necessária daquilo que figura a fratura no Simbólico; a identidade, produzida precariamente, tanto no nível comunitário, quanto individual, só existe *na e a partir da negação* do desfazimento que nada mais é do que o Real enquanto aquilo que resiste a todo sentido – e, nesta negação mesma, não pode deixar de *positivar* a sua negatividade em figuras que a expressam, construindo um sentido para esta negatividade mesma.

Queeridade, mulher, negritude, trans *:estes termos (como incontáveis outros que nomeiam o conjunto vazio de uma ordem dada) emergem da divisão entre a negatividade que inere na divisão enquanto tal – o desfazimento do mundo enquanto unidade, compreensão, ou identidade – e a divisão desta positivação na catacrese que nomeia um ser social. (Edelman, 2022, p. 21)

A *queeridade*, neste sentido, para Edelman é da ordem do *nada*. Do *nada*, pois, o queer expressa uma *impossibilidade ontológica*; ele não é da ordem do ser, mas é aquilo que é excluído do ser no movimento produtivo de sua própria ordem. Como o zero, que estrutura a ordem numérica sem ser propriamente um número – não expressa uma quantidade, mas a *não quantidade* – a *queeridade* é o “conjunto vazio”⁶ que é negado na constituição de uma fantasia totalizante; encarnado em certas figuras vicárias, como o homossexual e o negro, ele subsiste na ordem estabelecido como aquilo que ela necessariamente deve excluir.

Uma análise que associa a *queeridade* ao nada, assim, nos parece capaz de ser plenamente qualificada de *niilismo queer*, apesar de o próprio Edelman, não categorizar o seu trabalho nestes termos – inclusive, em *Ever After* (2007), Edelman se defende das acusações de niilismo. Esta acusação seria ela mesma dada no interior da ideologia do reprodutivismo futurista e não teria outra função que não a de negar o endereçamento a este *nada* constitutivo e alheio aos imperativos da reprodução:

⁶ O termo “conjunto vazio” que Edelman mobiliza a partir de Badiou, Derrida, Lacan e Žizek expressa o vazio refratário a qualquer esforço de totalização. Um tema bastante presente na filosofia contemporânea, a interdependência entre a constituição de determinado conjunto com pretensões totalizantes e aquilo que esta totalização deve excluir, é associado por Edelman (2022) ao *vazio* de sentido na “Coisa” Lacaniana.

(..) esse é [...] o objetivo do reprodutivismo futurista, um objetivo que ele persegue atribuindo àqueles que desafiam a sua supremacia a um espaço fora do social, fora da política enquanto tal, e, assim, silencia qualquer resistência antecipadamente ao desqualifica-la enquanto niilista. (Edelman, 2007, p. 474)

Neste sentido, Edelman argumenta que todo o esforço de *positivação* da ordem existente, esforço este que faz com que se critique enquanto “niilista” toda tentativa de endereçamento ao *nada*, no seu movimento mesmo de perpetuação da exclusão do vazio que qualquer ordem estabelecida requer necessariamente, reintroduz este vazio ele mesmo: é uma operação de exclusão para a positivação do nada em algo. Assim, para Edelman, a desqualificação de uma postura que se endereça a esse vazio constitutivo sob a rubrica do niilismo é apenas mais um expediente de negação deste vazio que insiste e subsiste em detrimento dos esforços reprodutivistas futuristas de rechaça-lo em um “para além da política e do social”. E, ao assim proceder, não deixa de operar no próprio *nada* que visa negar, liberando, inclusive, como pretendemos demonstrar mais a frente, este mesmo *nada* em sua irrupção.

Mesmo que Edelman não se qualifique enquanto niilista, é o seu pensamento que baliza o niilismo queer desenvolvido na famosa publicação *Baedan* (2012) em termos de um projeto político direto. Lá, tal como no pensamento de Halberstam (2011, p.106-107), Edelman é criticado por não ter enquadrado a sua análise em um horizonte de intervenção política – e, de fato, Edelman qualifica o projeto de ruptura com o reprodutivismo futurista como algo da ordem do “impossível” (EDELMAN, 2004; 2022). Apesar disso, na publicação citada, o texto *The Anti-social Turn* – termo também utilizado por Halberstam (2011– interpreta a crítica ao reprodutivismo futurista de Edelman em uma radicalização da influência de Hocquenghem (1993) que, diferentemente de Edelman, via na homossexualidade um horizonte de radical dissolução da sociedade capitalista ao negar a lógica mesma da reprodução sexual em sua inscrição edipiana e burguesa⁷. Halberstam (2011) segue em direção muito

⁷ Pensando a partir de Deleuze e Guattari, Hocquenghem identifica na reprodução capitalista a necessária repressão sexual na constituição molar de identidades normativas e, a homossexualidade, na medida em que rompe com ela, teria o poder, expresso pelo medo paranoico dos homossexuais, de produzir uma

semelhante ao defender que o queer, em sua negatividade, deve operar como horizonte político de destruição do mundo atual em algo qualificado como “política *punk*.” Em ambos os casos, temos uma agenda anarquista a partir da radicalização do potencial desidentificante da *queeridade*, da sua negatividade em relação ao liame social – o que, certamente, entra em contradição com a insistência de Edelman em permanecer na negatividade enquanto tal, recusando a transdução (mesmo que inexorável)⁸ da sua análise em uma positivação política, ainda que anarquista. Em *Sex or the Unbearable* (2014), escrito em parceria (e sob a forma de diálogo) com Lauren Berlant, Edelman defende, a partir da análise desenvolvida em *No Future*, a procura por um modo de “habitar” o impossível, de viver com a negatividade⁹, e não o potencial revolucionário da *queeridade* frente ao modo de produção capitalista e ao Estado. A negatividade queer, para Edelman, não se desdobra na destruição do atual estado do mundo, pois, esta destruição, se tomada como projeto, já é uma negação, enquanto positivação, desta própria negatividade. Deste modo, nos parece que a crítica de Halberstam só é possível a partir do momento que tomamos a crítica ao reprodutivismo futurista enquanto *prescritiva* ao passo que Edelman, ao formular o conceito, estava antes propondo uma abordagem *descritiva*. Edelman, em seu esforço crítico, se volta a descrição de uma lógica estruturalmente incontornável; Halberstam, assim como Baedan, positivam a sua análise em uma política anarquista.

revolução contra o modo de produção capitalista. “O grande medo da homossexualidade é traduzido no medo de que a sucessão das gerações, no qual a civilização é baseada, pode parar. O desejo homossexual não está nem no lado da morte, nem do lado da vida: ele é o assassino dos egos civilizados.” (Hocquenghem, 1993 p. 150). Apesar de certamente seu argumento ter influenciado Edelman, Hocquenghem tem um projeto político claro a partir da homossexualidade ao passo que Edelman parece estar desenvolvendo uma análise descritiva.

⁸ Em *Bad Education*(2022), Edelman afirma que todo o seu esforço analítico não deixa de ser uma forma de simbolização e, enquanto tal, de positivação do nada que, paradoxalmente, sua análise pretende endereçar. Neste ponto, retornamos à “impossibilidade” que ele situa como inerente ao seu projeto; mesmo o seu conceito de *queeridade* é incapaz de endereçar o *nada* enquanto tal.

⁹ Este “viver com a negatividade”, naturalmente, não é trabalhado sob nenhuma forma positiva ou prescrição detalhada – o que entraria em contradição com o próprio endereçamento ao nada. Antes este “viver com a negatividade”, como trabalhado por Edelman, parece remeter a um engajamento singular com a negatividade que não se refugia (na medida do possível) na fantasia social do reprodutivismo futurista.

A apropriação que pretendemos fazer do pensamento de Edelman se distingue da Halberstam e dos anarco-niilistas de *Baedan* e, igualmente, das esperanças revolucionárias de Hocquenghem. Não pretendemos tomar a queeridade como horizonte revolucionário de dissolução da ordem estabelecida, não por julgarmos que ela possivelmente não possa apresentar este horizonte, mas apenas porque antes, queremos colocar outra questão diante da negatividade queer. O que podemos pensar a partir da crítica ao reprodutivismo futurista quando *a própria fantasia de um futuro de pleno sentido se encaminha para a sua própria dissolução?* O Antropoceno, a era geológica criada pela modernidade, traz como certa uma profunda reorientação do futuro. Nos parece que a anarquia está, efetivamente, no horizonte, não no sentido de uma sociedade purgada do modo produção capitalista e do Estado, mas como dissolução suicidária do próprio capitalismo em direção a um porvir indeterminado, mas que, certamente, cada vez menos conseguirá sustentar a promessa de pleno sentido da Criança. O Antropoceno, como coloca Danowski e Viveiros de Castro (2014), Costa (2021), Chakrabarty (2009), entre tantos outros, colapsa a historicidade teleológica moderna em sua orientação a um futuro de realização comunal sob a égide do mito do progresso; o que será do reprodutivismo futurista diante do fim do futuro? É diante desta pergunta que gostaríamos de mobilizar a nossa hipótese de ficção política.

O futuro é queer

Se Edelman se preocupa sobretudo com a reprodução imaginária e simbólica na constituição do liame social, o que temos, no nosso século, é no nível do próprio Real uma ameaça nunca antes vista à própria reprodução: o Antropoceno. O Novo Regime Climático desloca a própria historicidade moderna, a cisão entre história humana e história natural, como coloca Chakrabarty (2009), em um colapso da temporalidade capitalista (Walker, 2019) em sua necessária orientação a um futuro de expansão econômica ilimitada. Neste sentido, como argumenta Fisher (2009), a

mudança climática, em um contexto no qual o capitalismo conseguiu se colocar como a única realidade possível, é a intrusão do próprio Real naquilo que ele denomina *realismo capitalista*.

O realismo capitalista, na célebre formulação de Fisher (2009), é a *naturalização* do capitalismo enquanto única realidade possível. O capitalismo, a partir da ascensão neoliberal, consegue se firmar no imaginário como a *única alternativa*, tornando-se, assim, mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. A bem-sucedida estratégia neoliberal, para Fisher, opera antes na ordem da naturalização do que da apologia; não estamos inaptos a imaginar uma realidade outra que não a capitalista porque estamos convencidos do seu mérito, mas apenas porque ele conseguiu colonizar a própria realidade: ser realista torna-se aceitar o capitalismo como fato incontornável. Apropriando-se de Lacan, sobretudo, na leitura de Žižek (autor também caro a Edelman), Fisher (2009) pretende situar o *Real* da mudança climática contra esta colonização da realidade pelo capitalismo neoliberal.

Incapaz de simbolizar o “devir louco generalizado das propriedades extensivas e intensivas que expressam o sistema biogeofísico da Terra” (Danowski, Viveiros de Castro, 2014), o capitalismo se confrontaria com o Real que insiste para além da construção ideológica da sua realidade inexorável. O capitalismo, como demonstra Jason Moore (2015), não pode ser sustentável; é intrínseco ao seu funcionamento a expansão ilimitada e com ela o consumo irrefreável dos recursos planetários. Por esta razão, a mudança climática, o esgotamento do que (para o capitalismo, figura como recursos naturais), não é passível de inscrição simbólica; é uma fratura no capitalismo realista que os esforços científicos e políticos de inscrever não conseguem lograr êxito. Continuamos a viver como se o futuro fosse tal como o passado, em um planeta estável, palco para a nossa história, com a sua promessa de realização plena no futuro.

O que temos na análise de Fisher converge com o que Bruno Latour (2020) soube expressar muito bem quando afirmou quem no fim dos anos 80, o capitalismo se tornou o único modo de produção possível e, ao mesmo tempo, se revelou

completamente *impossível*. A hegemonia capitalista mundial, em sua forma neoliberal, após a queda do bloco soviético, elevou o Capital a senhor incontestado do mundo. No entanto, neste mesmo período histórico, a ciência do clima demonstrou que *não havia mais mundo para o Capital*. Por um lado, seguindo Fisher (2009), temos a constituição do realismo capitalista enquanto atmosfera ideológica pervasiva – a assunção, tácita ou explícita, em ambos os lados do espectro político, de que não há uma alternativa viável ao modo de produção capitalista. Por outro lado, há a descoberta da insustentabilidade imanente ao capitalismo uma vez que ele não prescinde de um crescimento econômico ilimitado e de apropriações cada vez maiores de recursos naturais limitados. Latour(2020) neste sentido, argumenta de forma convincente que o fato de as emissões de carbono terem aumentado nas décadas que se sucederam à inegável descoberta da mudança climática se deve a uma opção das elites em nada fazer para deter a catástrofe (A aposta antes foi de radicalizar a exploração dos recursos planetários e do trabalho e, neste sentido, não só temos a desregulação econômica como expressão desta decisão, mas também o negacionismo. As elites, para Latour,

Decidiram que seria preciso construir uma espécie de fortaleza dourada para os poucos que poderiam se safar – do que decorre a explosão das desigualdades. E resolveram que, para dissimular o egoísmo sórdido de tal fuga para fora do mundo comum, seria preciso rejeitar absolutamente a ameaça que motivou essa fuga desesperada – o que explica a negação da mutação climática. (Latour, 2020, p. 23)

Temos, deste modo, então, a noção de que o capitalismo é inescapável e simultaneamente insustentável. O Real contra o realismo capitalista de Fisher expressa, ao que nos parece, precisamente esta situação impossível. Nas amarras ideológicas do capitalismo realista, a crise ambiental é um furo e uma fissura que ele não consegue simbolizar, absorver, processar e, por consequência, reagir. O Real contra o capitalismo é a verdade do capitalismo enquanto suicídio.

Aproximando o diagnóstico de Latour e Fisher com o pensamento de Edelman, podemos compreender o Antropoceno como uma irrupção da *queeridade* no regime simbólico do realismo capitalista. Não há, objetiva e materialmente, futuro (pelo menos, no sentido teleológico de um progresso em direção à plenitude) em franca contradição coma projeção imaginária da Criança como ligadura no social. Como coloca muito bem Walker (2019, p.145): “O Antropoceno não se revela como um azarado efeito colateral do capitalismo, mas como uma irrupção de um excesso oculto, ainda que inevitável, corrompendo a sua mais vital lógica de produção e reprodução e revelando a falência dos seus futuros prometidos.” Estes futuros prometidos, como sinaliza bem Walker neste trecho, nada mais são do que a promessa instanciada na Criança, a reprodutibilidade do presente no futuro junto da crença de um pleno futuro sem fissuras. A lógica do reprodutivismo futurista, na sua figuração moderna orientada a uma teleologia do progresso no seio do modo de produção capitalista, é radicalmente fissurada pela mudança climática: não há futuro. O Antropoceno, apesar do seu nome, expressa antes uma irrupção queer do planeta, “uma espécie de esterilidade [childlessness] ecológica queer.” (Walker, 2019, p. 145).¹⁰

Podemos entender essa introdução queer na mudança climática enquanto uma intrusão do *inumano* na historicidade reprodutivista futurista moderna, com sua “mitofísica” (Danowski, Viveiros de Castro, 2014) baseada no excepcionalismo humano e em uma natureza passiva e apropriável. Edelman situa o *sinthomahomossexual* na

¹⁰ Walker (2019), em sua excelente mobilização do pensamento de Edelman e Halberstam para a compreensão Antropoceno, situa a historicidade própria do reprodutivismo futurista descrito em termos estruturais e lacanianos por Edelman no modo de produção capitalista e sua reprodução. Este movimento de historicizar Edelman, também realizado por Sheldon (2016), nos parece importante e em nada entra em contradição com o seu pensamento, como ele mesmo afirma em “Bad Education” (2022, p.43). Walker, no entanto, argumenta que o futuro no qual se situa a recusa queer de Edelman é um futuro capitalista, classe média e branco e que, diante do seu esgotamento, haveria outras temporalidades queer para além do reprodutivismo futurista. Nos parece que, de fato, como ela argumenta, relações não biologicamente reprodutivas, como modos outros de constituição familiar e relações de “*kinship*” tem uma lógica não tão facilmente situável naquilo que Edelman identifica Ainda assim, a emergência do Antropoceno aporta um fenômeno de ordem global que, certamente, irá afetar a capacidade de reprodutibilidade de qualquer temporalidade, queer ou não.

ordem do *inumano*, como alguém que figura aquilo que fratura o Humano enquanto totalização identitária e normativa (Edelman, 2004, p.109). Giffney, neste sentido, analisa o pensamento de Edelman a partir desta chave, se colocando criticamente contra a persistência do humano enquanto “um espaço normativo em termos políticos e sociais, definido contra aqueles considerados irreconhecíveis e, assim, excluídos do seu mandato” (Giffney, 2008, p. 56). O Humano, para a autora, é tal como a Criança, saturação identitária que constrange o espaço político à sua reprodução – o que, claramente, remete ao “perigo à espécie” que os conservadores identificam em sexualidades não reprodutivas. Mais ainda, do mesmo modo que, para Edelman, o reprodutivismo futurista e o vínculo social que dele decorre, só existem a partir na negação da *queeridade*, Giffney argumenta que o Humano, enquanto figura identitária normativa, só existe a partir da negação do inumano – que, assim, é uma das figuras da *queeridade*.¹¹ Coelho (2021), de forma próxima, argumenta a partir de Derrida que o não humano, o animal e o inorgânico, aquilo que, modernamente, se subsume sobre o termo “natureza”, é produzido discursivamente na sua própria exclusão enquanto alteridade fundante do Humano. Animal, mulher, homossexual, negro, todas estas categorias atestam a pervasividade multifacetada do que Butler (2011) chama de “abjeto”: o que deve ser excluído na constituição de qualquer identidade.

A mudança climática, neste sentido, apresenta uma fratura na historicidade teleologicamente orientada e, da noção de Humano em sua feição moderna – o Humano como normatividade e excepcionalidade cósmica. Neste sentido, contra o que poderia haver ainda de antropocêntrico no termo Antropoceno, Haraway (2016) propõe, não sem ironia, o termo Chthuluceno para expressar o caráter de radical diferença descontinuidade trazido pela mudança climática face à concepção antropocentrada que herdamos da modernidade. Não se trata (apenas) de uma era produzida por seres

¹¹ A relação entre teoria queer e pós-humanismo é algo trabalhado por diversos autores, o qual vale destacar Preciado (2020). Em *O feminismo não é um humanismo*, a categoria do humanismo é desafiada no que ela tem de normativo e excludente em prol de um “animalismo” que romperia com o seu julgo identitário.

humanos, mas de uma era marcada pela violenta intrusão do não humano, discursivamente e ontologicamente excluído na própria constituição humanista moderna. No Antropoceno ou no Chthuluceno, temos a irrupção da *queeridade do inumano* que retorna contra a sua própria negação na positivação teleológica de um futuro de pleno sentido, um futuro de acumulação capitalista irrestrita e que, mesmo em face do seu esgotamento crescente, permanece hegemônico no realismo capitalista descrito por Fisher. Temos, assim, o Real da *queeridade inumana* como horizonte inassimilável no capitalismo realista que se introduz em uma quebra da futuridade que lhe é constitutiva.

A nossa hipótese é que, diante da irrupção do inumano no realismo capitalista, diante da precariedade temporal advinda da crescente irreproduzibilidade do presente no futuro, podemos esperar não um abandono da Criança e suas promessas, mas, pelo contrário, uma exasperação do reprodutivismo futurista e sua normatividade. Diante da intrusão do inumano no Chthuluceno, podemos imaginar o retorno às identidades normativas enquanto reação à radical alteridade queer inhumana que irrompe em violência. Se o futuro perde a capacidade de figurar como horizonte de plena realização, o passado se reinscreve como território a ser defendido e retomado. Um retorno ao passado, uma exacerbação das identidades normativas como resposta à precariedade generalizada de toda identidade advinda da radical irrupção do *inumano*. Afim de desenvolver esta hipótese, nos valeremos da ficção especulativa de Margaret Atwood, onde, em um exercício de fabulação, encontramos a descrição de uma sociedade totalitária constituída em resposta à crise do reprodutivismo futurista.

A ficção especulativa de Margaret Atwood

Diante do cenário acima descrito, nos parece que *ficção especulativa* de Margaret Atwood pode ser um recurso interessante na fabulação do que pode advir diante da crise do reprodutivismo futurista. Se o realismo capitalista é um cerceamento da imaginação, a fabulação na ficção científica pode ser um recurso útil na divinação de novos possíveis (Araújo;Silva, 2018) e, neste sentido, a obra de Atwood é de grande relevância. A obra *O Conto da Aia* (2017) e a sua continuação *Os Testamentos* (2019) narram uma sociedade totalitária erguida em resposta a uma crise de fertilidade associada à mudança climática.

O livro foi escrito em 1984 em reação à ascensão da Nova Direita norte-americana e foi adaptado para a televisão pelo canal Hulu na segunda década do nosso século. A direita que mobilizou Atwood é o gérmen que se consolidará, com as devidas variações históricas, no trumpismo e além. Como bem demonstra Marina de Basso Lacerda (2019), é dela que vem as ferramentas ideológicas, discursivas e organizacionais que gestaram a extrema direita brasileira e o bolsonarismo. Atwood desenvolve sua ficção em resposta aos conservadores estadunidenses radicais que influenciaram e treinaram muitos daqueles que seriam centrais na consolidação do bolsonarismo como movimento de massas, sobretudo, os fundamentalistas religiosos.

A série televisiva e o livro apresentam os Estados Unidos tomado por um regime teocrático (Gilead) construído em resposta à crise climática e a uma epidemia de infertilidade humana. Nele, as mulheres são divididas em três categorias: Esposas, Aias e Martas, cada uma destas figuras expressando um aspecto da subjugação feminina no patriarcado ocidental de forma crua. Martas devem cuidar das atividades domésticas, ao passo que as Esposas detêm o comando sobre a gestão do lar e, inteiramente excluídas da esfera pública, sequer podem ler e escrever. A Aia – e a série e os livros são narrados a partir do seu ponto de vista – funciona como um mero útero, veículo da reprodução radicalmente alienado de si mesmo. Sendo estuprada pelo senhor da casa ao

lado da esposa em um ritual periódico, deve entregar o filho ou filha para serem criados por eles e partir para uma nova casa. O controle dos aparelhos reprodutivos da mulher pelo homem e pelo Estado, assim como sua redução a um simples veículo da reprodução, são apresentados em uma figuração extremada. O ritual de estupro, inspirado em uma passagem bíblica, é o recurso tecnopolítico mobilizado para reduzir, de forma completa, o corpo feminino a sua função reprodutiva.

Naturalmente, em Gilead, as dissidências de gênero, as sexualidades não reprodutivas, são perseguidas e eliminadas de forma sistemática. Gilead se refere a elas sob a rubrica da “traidores de gênero”. De fato, queers são traidores do gênero – existem na insurgência, direta ou indireta, contra a própria dualidade de gênero e as hierarquias sexuais em sua compulsoriedade. Esta traição de gênero é reportada, pelos asseclas de Gilead, a uma atmosfera de decadência moral generalizada que seria também responsável pelo estado de exceção ontológico, marcado pela crise climática e pela infertilidade, no qual a história se desdobra. O interessante é que as formas de dissidência sexual e de gênero, a fluidez das inscrições simbólicas do masculino e do feminino, é o *token* que, no universo ficcional da obra, consegue simbolizar a precariedade da vida e sua reprodução em um contexto marcado pela exceção ontológica da mudança climática e da infertilidade generalizada.

O que, segundo os livros e a série, teria motivado a revolução conservadora que substituiu os EUA pela “República de Gilead” foi, tal como em *Children of Men*, uma epidemia de infertilidade. A Aia, enquanto dispositivo tecnopolítico de reprodução, é o expediente desenvolvido para responder à crise. Mulheres ainda férteis são reduzidas estritamente ao papel de reprodutoras biológicas da espécie. Ao longo da obra, a epidemia é posta lado a lado com a degradação ecológica, que aparece, em diversos momentos, como a responsável pela infertilidade feminina. Gilead, para além da sua dimensão teocrática, é um Estado ecologicamente orientado. Pães feitos em casa, uma dieta sem excesso de gorduras e sem industrializados, tudo se reúne em um ideal de pureza e renascimento cristo-fascista perfeitamente compatível com o que Roger

Griffin (2018) identificou como sendo o núcleo duro da ideologia fascista: a palingenesia, ideal de renascimento de um passado perdido perante um presente tomado como degenerado. Gilead identifica nos prazeres da sociedade de consumo, no enfraquecimento da normatividade sexual e na poluição e destruição ambiental, a causa da epidemia de infertilidade, em um registro ao mesmo tempo teológico e epidemiológico. Neste sentido, o retorno a uma visão fundamentalista das identidades de gênero é o expediente palingenético utilizado em resposta à crise climática e à infertilidade.

O *Conto da Aia* constrói, assim, um estado de exceção ontológico marcado duplamente pela epidemia de infertilidade e pela crise climática. Em ambos, o reprodutivismo futurista é brutalmente desafiado pela materialidade destes dois eventos. E, no universo ficcional de Atwood, a resposta para a crise do reprodutivismo futurista não é o abandono da figura da Criança, mas, precisamente, o contrário. Gilead é uma sociedade inteiramente submetida ao seu jugo. Estupro sistemáticos de mulheres em nome da Criança; filhos tomados de seus pais e suas mães em nome da Criança; a morte de milhões, a tortura, a escravidão. Antes de Deus, propriamente, Gilead é uma distopia governada pelo *imperium* da Criança e tem o reprodutivismo futurista como ideologia totalitária em uma versão radicalizada da que encontramos em curso na nossa sociedade vigente.

Neste sentido, é interessante notar, em termos de temporalidade, como a Aia que nos narra a história, ela mesma, se volta para o passado em sua narrativa como forma de resistir ao presente. Há, no *Conto da Aia*, um jogo com temporalidades distintas e todo o esforço narrativo da personagem principal se dá em uma resistência ao presente a partir do seu passado pessoal; lembrar, fabular, manter ativo o passado pré-Gilead como um meio de não se deixar consumir pela opressão do presente (Carminero-Santangelo, 2004). Temos, deste modo, tanto em Gilead, quanto na resistência mobilizada pela Aia, um retorno ao passado contra o presente.

Encontramos, no *Conto da Aia*, não apenas uma exacerbação fabulativa de tendências conservadoras da extrema direita, mas, igualmente, uma crítica ao feminismo radical no que ele tem de essencializante, o que se expressa através da mãe da protagonista e no discurso das Tias (mulheres responsáveis pelo treinamento e controle das Aias). Em diversos momentos da obra, Gilead mobiliza uma compreensão do feminino em sintonia com discursos feministas que tomam a mulher como uma realidade essencial (Tolan, 2007). Em Gilead, não há pornografia, não há assédio sexual, as mulheres estão protegidas, como dizem as Tias – o que, para Tolan (2007), expressa uma crítica do discurso essencializante do feminismo radical. Na distopia de Atwood, as identidades de gênero são naturalizadas e violentamente reforçadas sem espaço para qualquer coisa que possa figurar como queer. Mulheres são mulheres em uma inscrição política da sua suposta essência.

Neste sentido, Rebekah Sheldon (2016), analisando o reprodutivismo futurista na obra de Atwood, sinaliza o quanto a figura do “Não bebê” e da “Não mulher” no *Conto da Aia* expressa o que chamamos aqui de introdução do *inumano*. O “Não bebê” é um feto deformado e natimorto em razão da degradação ambiental; a “Não mulher” são aquelas que, perseguidas pelo regime pela sua inadequação às demandas de gênero, são condenadas a limpar lixo tóxico ou à execução. Para Sheldon, o reprodutivismo futurista contemporâneo se vê confrontado com uma demanda cada vez maior de apropriação da vida e, ao mesmo tempo, com uma crescente preocupação com a vida que sai do seu controle. Ao mesmo tempo, extração crescente, na acumulação capitalista, de valor a partir de processo vitais e um cada vez maior receio de uma vida incontrolável. Esta vida incontrolável, refratária à apropriação utilitária do capital, expressa o *inumano* como irrupção de uma indeterminação para além do cálculo da instrumentalidade capitalista. O “Não bebê” na ficção de Atwood, por sua vez, expressa precisamente esta ansiedade perante uma vitalidade incontrolável, assim como as “Não mulheres” expressam a exclusão daquilo que não se conforma à normatividade de gênero. Em ambos os casos, temos a rejeição violenta da queeridade enquanto ameaça

biológica à reprodução (os bebês deformados) ou ameaça propriamente social (a insubordinação contra os papéis de gênero). As “Não mulheres”, os “Não-bebês”, expressam a angústia e posterior rechaçamento do *inumano* que irrompe. Como coloca Sheldon,

Neste contexto, o reprodutivismo futurista promete consolidar a explosão da vitalidade outra-que-não-humana sob a figura da criança ao mesmo tempo que isso indica um horizonte em aceleração de vitalidade irrecuperável. Através da figura da criança retalhada, da criança mutante, o Conto da Aia nos mostra o futuro reprodutivo atrás da criança sagrada do reprodutivismo futurista. (Sheldon, 2016, p. 127)

Por fim, o que temos na ficção especulativa de *O Conto da Aia* é um recrudescimento palingênético das identidades de gênero normativas diante da crise do reprodutivismo futurista. A Criança se fortalece diante da intrusão queer do *inumano*. Trata-se, naturalmente, de uma obra de ficção que, como nota Tolan (2017), radicaliza elementos do presente na construção distópica de um futuro no qual estes elementos se exacerbaram e se consolidaram. Nas décadas que se seguiram à publicação do livro, na consolidação hegemônica do neoliberalismo, temos observado que estas tendências crescerem. A extrema-direita global, no século XXI, se revela uma das maiores forças políticas do Ocidente e, assim, a obra de Atwood, em sua radicalização ficcional desta nova direita, mantém-se enquanto uma fonte relevante de fabulação política.

Conclusão: o niilismo realizado.

Não vivemos, hoje, uma crise de infertilidade capaz de inscrever materialmente o fracasso que o reprodutivismo futurista imaginária e simbolicamente tenta saturar. Mas o sentimento de *perda de mundo*, muito bem descrito por Latour (2020), tem função perfeitamente análoga ao mundo atual. Para Latour, a precarização do trabalho, a dificuldade das classes médias em se sustentarem na sua posição de classe, como

resultado da postura de fuga do mundo das elites perante a crise climática(, é suficiente para produzir, a sensação pervasiva de que *não, não há mundo para todos*. Esta fuga do mundo, da parte das elites, ao que nos parece, é um horizonte que ultrapassa elas mesmas e se torna uma possibilidade afetiva concreta para cada vez mais pessoas. Se as elites podem sonhar em fugir do mundo em uma aventura de colonização espacial, esta fuga do mundo diante da irrupção queer do *inumano*, pode assumir, simplesmente, a fuga em direção a um passado.

O recrudescimento de identidades normativas, étnicas, raciais e de gênero, tem uma profunda relação com este esgotamento do futuro: diante da competitividade generalizada que empurra cada vez mais indivíduos para o campo dos perdedores, ocorre um recrudescimento do apelo a identidades estáveis e não competitivas (Salmelaa, Von Scheve, 2017). A precarização e instabilidade econômica é respondida com um identitarismo político redobrado na extrema direita global. O sentimento difuso de perda de mundo, de um futuro instável, incerto, produz um horizonte palingenético de apego hipostasiado à identidades normativas fundamentadas em uma representação mitologizada do passado. A competitividade do mundo neoliberal produz ressentimento e um apego a identidades normativas como forma de autovalorização em um contexto de precariedade generalizada – o que, possivelmente, tenderá a se acentuar conforme a mudança climática tornar o planeta em si mesmo cada vez mais instável.

Temos hoje, uma crise do reprodutivismo futurista, no qual as promessas de redenção da Criança perdem seu solo; e, tal como na obra de Atwood, podemos vivenciar uma radicalização do poder da Criança, um apego crescente a esta promessa e a sua identificação a um passado que precisa, a fim de se salvar o futuro, ser retomado a todo custo. A crise da Criança no presente, a crise do reprodutivismo futurista, pode produzir, como vem produzindo, um movimento paradoxal de resgate do passado como condição do futuro. Faz-se necessário retornar ao mundo onde meninos usavam azul e meninas usavam rosa para que haja um mundo por vir. Diante da percepção pervasiva de que não há futuro para todos, o resgate do futuro se apresenta como retorno ao

passado. E este passado, tal como no “Conto da Aia”, assume a figura estética e política de um mundo em que mulheres são reduzidas a dispositivos privados de reprodução social e em que tudo que é queer deve ser eliminado.

A resposta à reintrodução do caráter queer da natureza diante da sua cada vez maior visibilidade pode acelerar a crise do reprodutivismo futurista e a sua resposta palingenética. O retorno a um passado de identidades estáveis, sobretudo, de gênero, religião e sexualidade, é um resultado a ser esperado diante a da instabilidade que o novo regime climático está impondo sobre o nosso modo de vida moderno. A *queeridade* do *inumano*, em sua irrupção brutal, pode levar a sua negação em um movimento ainda mais brutal, como expressa a ficção especulativa de Atwood. A extrema direita atual é só o começo.

A negação da queeridade, como vimos, jamais consegue negá-la em absoluto. Ela insiste e perdura por maiores que sejam os esforços de sua posituação e por mais cruéis que sejam os expedientes utilizados contra aqueles que a figuram. No entanto, há algo além. Deleuze e Guattari (2012a; 2012b), em sua teorização acerca do fascismo, afirmam que o fascismo é da ordem de um *niilismo realizado*. O fascismo, para eles, expressa precisamente um movimento de apego ilimitado às identidades normativas (majoritárias) e, naquilo mesmo que tem de ilimitado, se torna suicidário. Para os filósofos, as identidades normativas, no fascismo, são objeto de um investimento revolucionário revertido no qual a potência criativa do desejo se autodestrói em uma linha de abolição e morte. A negação da diferença em um ideal palingenético, faz da destruição um fim em si mesmo; é necessário tudo destruir para fazer emergir das ruínas as identidades perdidas que precisam ser resgatadas (Da Veiga, 2022). Esta destruição se automatiza na medida em que não há nada por debaixo das ruínas; as identidades a serem resgatadas são sempre fraturadas e a procura de uma plenitude sem furos não se realiza, tornando-se necessário destruir cada vez mais até o ponto que a destruição se torna um fim em si mesmo. Os meios de produção tornam-se meios de destruição; em nome da vida da raça alemã, milhões de alemães são levados à morte. Este paradoxo, o

Estado suicidário, é irrupção do *nada* em razão dos esforços altissonantes de negação deste próprio *nada*.

Aproximando o pensamento de Edelman de Deleuze e Guattari, podemos traduzir o movimento do fascismo em termos de uma negação da *queeridade* entendida como nada; esta negação, na sua radicalização irrestrita, reinscreve este nada, esta indeterminação, na medida mesma em que o realiza na destruição pela destruição. O esforço de totalização, com a sua exclusão de tudo que a fratura, desfaz essa própria totalização em um movimento suicidário. Na ficção de Atwood, Gilead é destruída, por fim, a partir daquilo que ela tem de Estado suicidário: os expurgos, as traições, os conflitos internos, produzem a sua implosão.¹² Assim, se seguirmos nossa hipótese e supormos uma resposta palingenética em resposta a irrupção queer do inumano no Antropoceno, um apego ao passado diante da crise do reprodutivismo futurista, esta resposta trará a irrupção crescente do *nada* que ela visa negar: niilismo realizado.

O que trouxemos ao longo deste artigo, como dissemos, é uma *hipótese de ficção política*. Não se trata de uma previsão sobre o futuro, mas apenas de uma especulação a partir de tendências políticas em curso, visando dar inteligibilidade a um movimento que se dispõe no presente. Neste sentido, o que apresentamos é da ordem de uma ficção especulativa tal como a obra de Atwood que analisamos. Nos parece, por fim, segundo a hipótese desenvolvida que o fim do futuro não trará o fim do reprodutivismo futurista; antes, é mais fácil imaginar o seu recrudescimento desesperado em mitologias palingenética do que o seu fim. O reino da Criança está longe de acabar.

¹² Na sequência do *Conto da Aia, Os Testamentos*, o processo que leva a implosão de Gilead é construído por Tia Lídia que mobiliza documentos vários revelando conspirações e intrigas políticas que, uma vez revelados, levam a um movimento de autodestruição do Estado. Esse elemento, no entanto, não interdita que se analise Gilead, enquanto ficção, a partir do caráter suicida do Estado fascista teorizado por Deleuze e Guattari, dado que é justamente este movimento de orientação automatizado à destruição, externa e interna, guerra e expurgos, que os autores identificam no fascismo.

Referências

- ATWOOD, Margareth. **O conto da Aia**; trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ATWOOD, Margareth. **Os Testamentos**; trad. Simone Campos. São Paulo: Rocco, 2019.
- BAEDAN. **The Anti- Social Turn**. Disponível em <https://baedan.noblogs.org/> Acesso a 29 de março de 2022.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. Nova York: Routledge, 2011.
- BERSANI, LeoL. **Homos**. Cambridge/Londres: Harvard University Press, 1996.
- CAMINERO- SANTANGELO, Marta. **On Resistent Postmodernism**. In: BLOOM, H. (ed.) Margaret Atwood's Handmaid's Tale. Nova York: Infobase Publishing, 2004.
- COELHO, Carlos. **O animal que não existe: orifícios coloniais, o delírio do Nome e uma língua salivante**. In: PARENTE, A; DANNER, F; SILVA, M. (ed.) Animalidades: fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 191-211.
- COSTA, Alyne. **Da verdade inconveniente à verdade suficiente: cosmopolíticas do Antropoceno**. In: Cognitio Estudos, v. 18, n.1, 2021, p. 37-49.
- CHAKRABARTY, Dipesh. **The Climate of History: Four Theses**. In: Critical Inquiry, Vol. 35, No. 2 (Winter 2009), pp. 197-222.
- DA VEIGA, Ádamo. **O Fascismo Transindividual**. In: Trans/Form/Ação, Marília, v. 45, n. 1, p. 13-38, Jan./Mar., 2022.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Desterro: Cultura e Barbárie: Instituto socioambiental, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 3; tradução. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 5.; tradução. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- DEPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo: e outras narrativas de antecipação**; tradução Milena P. Dichiade. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022
- EDELMAN, Lee. **No future: queer future and the death drive**. Londres/Durham: Duke University Press, 2004.
- EDELMAN, Lee. **Bad Education: why queer theory teaches us nothing**. Londres/Durham Duke University Press: 2022
- EDELMAN, Lee. **Ever After: History, Negativity and the Social**. In: South Atlantic Quarterly v.106, n.3, 2007, pp. 1-8.
- EDELMAN, Lee. **O futuro é coisa de criança: teoria queer, desidentificação e a pulsão de morte**; tradução . Daniel Kveller. In: Periódicus, Salvador, n. 14, v.2, 2021, pp. 248-275.

- EDELMAN, Lee; BERLANT, Laurent. **Sex or the Unbearable**. Londres/Durham Duke University Press: 2014.
- FISHER, Mark. **Capitalist Realism: is there no alternative?** Winchester: O Books, 2009.
- GIFFNEY, Noreen. **Queer Apocal(o)ptic/ism: The Death Drive and the Human**. In: GIFFNEY, Noreen; HIRD, Myra. (Ed.) *J. Queering the Non/Human*. Aldershot: Ashgate Publishing, 2008, pp. 55-79.
- GRIFFIN, Roger. **Fascism**. Oxford: Polity Press, 2018. Belo Horizonte: Bazar do Tempo, 2020.
- HALBERSTAM, Jack. **The queer art of failure**. Londres/Durham Duke University Press: 2011.
- HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durhan and London: Duke University Press, 2016
- HOCQUENGHEM, Guy. **Homosexual desire**. Londres/Durham Duke University Press: 1993.
- JAMES, Phyllis. **The Children of Men**. Nova York: Vintage, 2010.
- LACERDA, Maria. **O Novo Conservadorismo Brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.
- LATOURETTE, Bruno. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno**; tradução. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- MOORE, Jason. **Capitalism in the web of life: ecology and the accumulation of capital**. Londres/Nova York: Verso, 2015.
- PRECIADO, Paul. **O feminismo não é um humanismo**. In: *Um apartamento em Urano: crônicas da Travessia*; tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- SALMELA, Mikko.; VON SCHEVE, Christian. **Emotional roots of right-wing political populism**. In: *Social Science Information*, v.56 n.4, 2017, pp. 567–595.
- SHAVIRO, Steven.. **Extreme fabulations: Science Fictions of Life**. London: Goldsmith Press, 2021
- SHELDON, Rebekah. **The Child to Come: Life after the human catastrophe**. Londres/ Minneapolis: Minnesota University Press, 2016.
- SILVA, Fernando; ARAÚJO, André. **Ficção científica e fabulação maquínica**. In: MADARASZ, N; COSTA, L. (org.) *Deleuze-Guattari: a escrita e a literatura na imanência da velocidade*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, pp. 75-109.
- TOLAN, Fionna. **Margaret Atwood: feminism and fiction**. Amsterdam/ Nova York: 2007.
- WALKER, Brionna. **Precarious times: queer Anthropocene futures**. In: *Parrhesia* v.30, 2019, p. 137-155.

The Child in the end of the World:
reproductive futurism in the Anthropocene

Abstract: The present paper aims to develop from Lee Edelman's queer negativity/nihilism a hypothesis of political fiction: in the face of climate change, as an intrusion of the Real in the neoliberal capitalist accumulation, a movement of upsurge of normative identities in a palingenetic horizon may take place. The crisis of reproductive futurism, understood as an orientation towards a future of full community fulfillment, brought about by the New Climate Regime may have, as a response, a return to the past in its normative and identitarian figuration. In order to develop this hypothesis, along with Edelman's thought, we also bring the thought of Latour, Fisher and Margaret Atwood's speculative fiction.

Keywords: Queer Negativity; Queer Nihilism; Anthropocene; Queer Theory; Lee Edelman.

Recebido: 15/11/2023

Aceito: 09/06/2024